

AT LONG LAST LOVE / 1975

um filme de Peter Bogdanovich

Realização: Peter Bogdanovich / **Argumento:** Peter Bogdanovich, baseado numa história original da sua autoria / **Fotografia:** Laszlo Kovacs / **Direcção Artística:** John Lloyd e Gene Allen / **Direcção Musical:** Artie Butler e Lionel Newman / **Canções:** "Down in the Depths on 90th Floo"; "Tomorrow"; "Which"; "Poor Young Millionaire"; "It Ain't Etiquette"; "You're the Top"; "But in the Morning No"; "At Long Last Love"; "Kate the Great"; "Well, did you Evah?"; "From Alpha to Omega"; "Let's Misbehave"; "It's Lively"; "Just One of These Things"; "I Gel a Kick Out of You"; "Most Gentlemen Don't Like"; "I Loved Him"; "A Picture of Me Without You", "Find Me a Primitive Man" e "Friendship" / **Músicas e Letras:** Cole Porter / **Coreografia:** Albert Lantieri e Rita Abrans / **Montagem:** Douglas Robertson / **Interpretação:** Burt Reynolds (Michael Olivier Pritchard III), Cybil Sheperd (Brooke), Madeline Kahn (Kitty O'Kelly), Duilio Del Prete (Giovanni Spagnoli), Eileen Brennan (Elizabeth), John Hillerman (Rodney James), Mildred Natwick (Mabel Pritchard), etc.

Produção: Peter Bogdanovich para Peter Bogdanovich Productions - Copa de Oro / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia:** dcp, technicolor, panavison, legendado eletronicamente em português, 123 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 1 de Março de 1975 / Inédito comercialmente em Portugal.

Como Scorsese, como Coppola, (cf. "folha" sobre **New York, New York**), Bogdanovich foi um dos "movie brats" que levou ao cinema a sua paixão cinéfila pelo "musical". Mas - e esse é um traço constante na obra de Bogdanovich desde **Targets** em 68 - foi o que o fez com mais óbvia nostalgia pelo cinema do passado, o cinema dos anos 30, 40, 50, que o formou e de que nunca se desprendeu como o "mais belo cinema do mundo"! Em 1974, declarou numa entrevista: "Não gosto particularmente nem do presente nem do futuro, que, do ponto de vista cinematográfico, não me interessa nada (...) Os meus concorrentes não são os meus contemporâneos como Robert Altman, John Cassavetes, Bob Rafelson, Francis Ford Coppola, Billy Friedkin, Arthur Penn, Stanley Kubrick, Mike Nichols. Os meus únicos concorrentes são os velhos mestres. E a esses concorrentes sei que nunca poderei ganhar. É uma guerra irremediavelmente perdida, porque sei que não tenho a altura deles". Dois anos antes, dissera: "A maior parte dos realizadores, que amei ou já morreram, ou já deixaram de fazer filmes, ou fazem-nos raramente. No que hoje se faz, não há muito que valha a pena ver. Ou seja, ver e gostar, o que é diferente de ver e admirar".

E assim, este homem que começou pela crítica e pelas cinematecas a escrever sobre cineastas muito amados (Ford, Hitchcock, Hawks, Lang, Welles, Dwan, etc.) obras fundamentais, normalmente em grandes "entrevistas-fleuves", revisitou em quase todos os seus filmes os grandes "géneros" do cinema americano do passado, numa espécie de romagem a que convém particularmente o título de uma das suas obras mais conhecidas: **The Last Picture Show** (1971), que revelou Cybil Sheperd, durante muito tempo sua mulher, e que no filme de hoje faz o papel de Brooke. Romagem ao cómico (**What's Up Doc?**), "à americana" (**Paper Moon**), à alta comédia (**Daisy Miller**), para me ater apenas a obras anteriores a **At Long Last Love**.

Neste filme, como de outro modo mais atenuada e mais indirectamente dependente do género no magnífico **They All Laughed**, Bogdanovich revisita o musical. Para o fazer, não foi buscar um sucesso da Broadway, ou uma partitura nova. Como ele próprio notou, **At Long Last Love** é o primeiro musical que, de há muitos anos para cá, se escreveu directamente para o cinema - com música original que não consta de qualquer libreto ou qualquer peça". Bogdanovich o escreveu e a música "original"

era do velho e grande Cole Porter (que já tinha morrido quando o filme se estreou) em canções que, nenhuma delas, fora jamais aproveitada para "shows" teatrais ou cinematográficos.

Do que trata este filme? Como todos (ou quase todos) os grandes musicais, casais trocados (os quatro protagonistas) com um casal (o dos criados) que faz funções de coro, de catarsis e de catalização em relação ao dos seus amos e amas. Esse casal "fixo" não está particularmente a viver romantismos especiais (e repare-se na capital sequência do "But in the Morning No" com o "strange breakfast"). Imita quem serve e, já agora, aproveita, que para um como para outra (a espantosa Eileen Brennan) nem a idade nem a beleza ajudam muito. E há um sétimo vértice (a não menos espantosa Natwick) que só aparece para acertar ou desacertar agulhas coincidentes ou incoincidentes.

O genérico do filme ocorre sobre uma caixa de música com a constituição de dois pares, que ao som dessa música iniciam os movimentos de amor. Num típico efeito do cinema clássico "hollywoodiano" esse plano reaparece no final, mas quando se trata da troca dos pares ("change your partner" como na sequência da valsa) a música acaba e eles ficam sem corda, a meio, não se sabendo bem quem cairá nos braços de quem. O "happy end" final é assim suspendido não se deixando ao espectador a certeza dos pares que viu na dança final, como se não lhe deixara antes a certeza dos pares que constituíram.

Longinquamente, preside ao filme a construção da ópera-bufa ou da opereta, de Mozart e Rossini a Strauss ou Lehar, sem que se possa ter muito a certeza das várias fidelidades. Mas Bogdanovich (a não ser na metáfora do início e do fim) guarda-se de convocar em excesso esses fantasmas, ou o fantasma cinematográfico de Lubitsch. Não é esse o "convite à valsa" do filme, mas expressamente a do musical americano (musical da Fox dos anos 40, musical da Metro dos anos 50) onde, no fundo, sob aparências diversas nunca se tratara doutra coisa. E em filigrana (menos filigrana que nos musicais clássicos) a insinuação doutros possíveis casais, do mesmo sexo e não de sexos opostos. Casal Burt Reynolds - Duilio Del Frete (e aí está a magistral elipse da sequência na casa de banho dos "gentlemen"); casal Cybil Sheperd - Madeline Kahn (e aí estão as sequências das duas nos braços uma da outra, chorando suas desditas). Homossexualidade? Se quiserem. Mas, no fundo, o velho tema hawksiano da amizade entre homens a ser mais forte do que o amor; ou o velho tema cukoriano da amizade entre mulheres, a idem, idem, aspas, aspas. Há muito que se lhe diga? Sempre houve, mas nunca houve necessidade de o dizer, como aqui também não há.

Estamos nas birras de Don Ameche - Alice Faye - Betty Grable - John Payne; ou na alegria de Betty Garrett - Vera Ellen - Gene Kelly - Frank Sinatra. E tudo avança em coreografia que vimos n vezes, em belas casas e belos carros, que n vezes vimos, em cor-de-rosa e azul. E tudo avança sobretudo através das canções que - como para as bonecas - imprimem ao filme todo o ritmo. Mas um ritmo inteiramente nostálgico, de quem sabe que o espectador já não acredita como acreditava o dos anos 40 e que os actores já têm sexo a mais para lhes ficarmos só a fixar zonas mais metafóricas. E não é nada inocente que a primeira troca de casais se passe num cinema (imagem de Tourneur) com o filme a servir de projecção-identificação, já tanto para o par "voyeur" como para o par "beijoqueiro".

Burt Reynolds não é Clark Gable, nem sequer Don Ameche? Cybil Sheperd não é Carole Lombard nem Ginger Rogers? Bogdanovich não é Donen nem Minnelli? Não, mas todos o sabem.

Conta-se dum escritor português, com um bom sentido de humor, que um dia convidou uns amigos para voltar a um restaurante, onde não ia há anos, e se comiam excelentes favas. No fim do almoço, todos estavam um bocado deprimidos. E o convidante comentou: "As favas não são favas, o vinho já não é vinho, o serviço já não é serviço". Mas logo rematou: "Bom, mas nos também já não somos nós". A história aplica-se impecavelmente. **At Long Last Love**. E Bogdanovich sabe-o perfeitamente. E, ao fim e ao cabo, o amor e a música são coisas feitas para não durar. At Long?

O que é mais difícil de explicar é porque é que este filme suscitou tantas raivas, foi o "flop" que foi e acabou com a ascensão - que parecia improvável - de Bogdanovich. O mais provável é que se tenha querido matar a galinha no ovo, ou seja, impedindo que outros nostálgicos se lhe seguissem o chorar glória de outrora, quando se queria era convencer as pessoas que só o "mederno" era bom.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico